

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I

MARÇO DE 1895

N.º 3

## Excursão archeologica a Alcacer-do-Sal

### 1. De Lisboa a Alcacer

A convite do Sr. Joaquim Correia Baptista, Secretario da Camara Municipal de Alcacer-do-Sal, parti para esta villa em 7 de Dezembro de 1894, em companhia do Sr. Maximiano Gabriel Apollinario, Adjunto do Museu Ethnographico Portuguêes.

Sahimos de Lisboa á tarde, ás quatro horas e meia, no vapor, em direcção ao Barreiro, d'onde seguimos no comboio para o Poceirão; chegámos aqui passadas duas horas. Do Poceirão para Alcacer não ha comboio, e tivemos de ir em diligencia. Apesar de se estar no inverno, não fazia frio, e era agradável jornadas ao longo dos vastos descampados do Alemtejo, por uma noite de luar magnifico, em estrada mais ou menos plana.

Depois de termos atravessado, *per amica silentia lunae*, várias povoações, taes como Aguas de Moura, Palma, etc., penetravamos no aro de Alcacer-do-Sal, e passavamos deante do morro onde se erguem ainda os restos do velho castello ou *alcacer*, que deu o nome á villa. Grandes recordações tem o castello! mas essas folhas rotas da historia portuguesa só hoje inspiram tristeza e saudade, porque se lhes podem applicar os versos de Garrett, no *Camões*, canto VII:

..... Nem setteiras  
Me bruxuleavam namoradas côres  
De bordado talim, serica banda  
Por mão furtiva de gentil donzella  
Deitada em hora escusa ao cavalleiro  
Que aventuras correr se vai ao oriente  
E a ganhar do infiel a Terra-sancta.

Nem, d'alem vallos, nos corceis armados  
 Vi descidas viseiras, peitos d'aço  
 Onde se espelha vacillante a lua,  
 Em quanto aguardam que da ameia sõe  
 Corno de anão que abata a erguida ponte.  
 Não vi quadrigas de vistas justas  
 Nas praças d'armas á lançada viva  
 Disputar-se o collar de ouro macisso,  
 Premio do vencedor, por mãos bem lindas  
 Ao peito inda sangrento pendurado.

Nada!... Só pelos fossos entupidos  
 Do desfolhar do outomno, e bronco intulho  
 Dos muros derrocados, — sôltas pedras  
 E immunda terra á vista affiguravam  
 Insepultos cadaveres.....

A noite ia já adeantada quando entrámos na villa, e por isso o resto d'ella foi consagrado ao descanso.

## 2. Notas ethnographicas

A visita á villa começou no dia 8, de manhã. Com quanto Alcacer pertença, na actual divisão administrativa, ao districto de Lisboa, é uma villa antes alemtejana do que estremenha; todavia, se tem muitos caracteres que a aproximam das povoações typicas do Alemtejo, tem outros que a distinguem um pouco.

Casas altas, de mais de um andar, ao contrário do que tenho visto em muitas outras terras alemtejanas; numerosas sacadas com plantas e flores pendentes d'ellas; largas chaminés; janellas de rotula, costume que se observa noutras terras do Sul, mas principalmente no Algarve; nas cozinhas as louças e *arames* em exposição, á maneira alemtejana; junto do lar na parede da cozinha, como no Alemtejo e no Algarve, a *sempre-noiva*, figura de barro destinada actualmente a evitar que o fogo da cozinha estrague a parede, mas cuja significação primitiva é outra; os escudetes das chaves das portas terminados superiormente em cruz, o que se observa com frequencia nas nossas povoações do Sul.

Nas lojas de negocio, ás portas, está á venda, em caixinhas losanquicas, a *pinhoada*, — doce composto de mel com pinhões inteiros. Este uso era novo para mim.

Como no resto do Alemtejo, os homens usão çafões, capote, e chapéu desabado de panno.

A linguagem, cujos principaes caracteres estudei, pertence, tanto na entonação como nas fórmãs grammaticaes, ao systema meridional.

### 3. Uma raça originaria da Africa

Ha muito tinha eu ouvido fallar da existencia de uma raça especial no concelho de Alcacer-do-Sal; mas nada sabia ao certo. Essa raça existe effectivamente, e é originaria da Africa. Parece que foi o marquês de Pombal quem tentou aclimá-la nos terrenos sazonaticos do Sado.

Como não me occupo especialmente de Anthropologia, não tomei a respeito d'ella notas circumstanciadas, e deixo o estudo do assumpto aos especialistas. Observei contudo alguns exemplares. São mulatos, e alguns de côr bastante carregada, de cabello encarapinhado<sup>1</sup>, nariz platyrrhinico. O foco actual d'esta raça é S. Romão do Sado, mas encontram-se exemplares até o Val-de-Guiso, Alto Sado (região que abrange Santa Margarida-do-Sado e S. Mamede) e mesmo na villa de Alcacer.

É curioso verificar modernamente no nosso pais esta influencia de sangue africano, assim em larga escala.

De influencias antigas temos pela história muitas noticias.

A invasão e acção carthaginesas são muito conhecidas. Quando Hannibal mandou seu irmão Hasdrubal para a Hispânia, deu-lhe entre outras tropas cavalleiros libyphenicios; Tito Livio, que nos transmite esta noticia, no liv. XXI, cap. XXII, acrescenta: *mixtum Punicum Afris genus* (raça punica misturada com Africanos).

Entre as antigas moedas da Iberia ha uma serie importante, com caracteres especiaes, denominados tambem libyphenicios, por se suppôr pertencerem a povos provenientes do norte da Africa; a julgar de algumas moedas que são bilingues, isto é, com caracteres libyphenicios e latinos, e de outras que são só escritas com caracteres latinos, estas moedas datam da epocha romana. Outras classes de moedas ibericas apresentam nas suas figuras uma particularidade anthropologica muita curiosa, que vem a ser o cabello encrespado, o que igualmente faz admittir influencia de sangue africano na Iberia. Esta particularidade do cabello, notada nas moedas, pôde commentar-se com trechos de auctores antigos: um d'esses auctores, Marcial, que era da Peninsula, diz nos *Epigrammas*, x, 65: *Hispanis ego contumax capillis*, isto é: «eu, de cabello encrespado, hispano».

<sup>1</sup> Informam-me que os habitantes do concelho de Grandola chamam «Carapinhas da ribeira do Sado» á gente d'esta raça.

Do princípio do sec. II em diante, e ainda no tempo de Nero, os Mouros fizeram na Hispania muitas incursões; no tempo de Marco Aurelio o theatro das guerras com os Mouros foi principalmente na Betica e na Lusitania: vid. o estudo d'estes factos em Th. Mommsen, *Historia romana* (traducção franceza), t. IX, pag. 83 sqq., e t. XI, pag. 277 sqq.

No sec. VIII, como é bem sabido, os Arabes invadiram a Peninsula, trazendo comsigo povos de diversa origem, entre os quaes abundavam Africanos, por isso que os Arabes tinham, pouco antes, subjugado o norte da Africa.

Com as conquistas e viagens dos Portuguezes, a influencia africana no nosso país augmentou.

Dizia Nicolao Clenardo numa das suas cartas,—Nicolai Clenardi *Epistolarum libri duo*, Hanoviae 1606, pag. 20,—que Portugal, no sec. XVI, estava tão cheio de Negros e Mouros, que parecia que em Lisboa havia mais escravos e escravas do que Portuguezes livres. Dando o devido desconto ao exaggêro, são porém aquellas palavras dignas de reflexão.

E o augmento da gente estranha não era só na capital do reino, era tambem, e naturalmente, nas terras da provincia. Do testamento de uma dama eborense do sec. XVI, extractado pelo Sr. Gabriel Pereira nos seus *Estudos eborenses*, n.º 15, consta que ella tinha no serviço da sua casa escravos ou criados mouriscos, entre outros de diversas raças.

No sec. XVII Severim de Faria, nos seus *Discursos varios politicos*, 1.º, § 2.º, refere-se ao facto de terem vindo Cafres para o nosso serviço ordinario.

No seculo actual, e no tempo presente, vemos a cada passo não só gentes da Africa aclimarem-se e propagarem-se na metropole, mas tambem filhos de Portugal irem para a Africa e voltarem de lá com prole.

Ha, pois, duas especies de influencia africana em Portugal, e de modo geral na Peninsula: uma, antiga, devida á proximidade do continente africano, e ás conquistas ou incursões que cá fizeram os povos da Africa; outra, moderna, devida ás conquistas dos Portuguezes na Africa.

Mas, se haviam já sido indicadas, como acabo de dizer, as provas de influencia geral das raças africanas no nosso povo, influencia não limitada a este ou àquelle local, e sim dispersa por todo o país,—o exemplo que acabo de citar, de Alcacer-do-Sal, mostra propriamente uma colonia, embora circumscrita.

## 4. Alcacer vetus

Em muitas casas, nas paredes exteriores, vêem-se fragmentos de marmores, pedras com lavores, fustes de columnas, — o que tudo revela ao visitante que está numa terra edificada sobre ruínas de outra mais antiga. Aquelles vestígios são pela maior parte plausivelmente romanos.

A villa estende-se por uma encosta, em amphitheatro, até ás margens do rio Sado. Ao cimo da elevação em cuja encosta fica a villa o terreno é plano: ahí estão as ruínas do Castello, ou, como o povo diz, «dos Castellos»; a igreja matriz; a igreja do Senhor dos Martyres; a igreja dos Frades. Em todo este terreno apparecem antiguidades de diversa natureza, e ahí esteve sem dúvida a primitiva povoação, ahí os campos *ubi Troja fuit*; pelo que o povo ainda diz que «a cidade acabava onde a villa começa». É tambem tradição que o rio chegava mais a cima do seu leito actual, entrando no local da villa, — tradição que se encontra, *mutatis mutandis*, noutras terras situadas perto de aguas correntes; o povo accrescenta sempre que em certos sitios «estavam as argolas em que se prendiam as amarras dos navios».

## 5. Cornelio Boccho

A cousa que mais me interessou em Alcacer, logo que sahi á rua pela manhã, foi a seguinte inscripção, insculpida numa pedra rectangular embutida na parede de uma casa que faz esquina para a Rua Direita e para a Rua do Cotovêllo:

[N.º 1]

... CHVS. PR. CAESARVM BIS

... T. PERP. FLAMEN. PERP

... I. PR. FABR. V TR. MIL. D. S. P. F

A pedra é calcárea; tem de comprimento 1<sup>m</sup>,65, e de largura 0<sup>m</sup>,53.

Esta inscripção já não está de todo inedita: o Sr. E. Hübner publicou parte d'ella nas *Noticias de Portugal*, pag. 90; publicou uma versão, com a respectiva restituição hypothetica, no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, 2479; publicou outra versão no *Supplemento* do referido *Corpus*, n.º 5617, com a restituição seguinte:

[N.º 2]

*l. titius. l. f. . . . . plutar*  
 CHVS PRAef. CAESARVM BIS  
 ponT. PERP. FLAMEN. PERP  
 eT. PRAef. FABRV. TR. MIL  
 D. S. P. F

O Sr. Hübner, baseado em documento que consultou, dá a inscrição como de Tras-os-Montes, embora diga (*Supplemento*, n.º 5617) que ella vem attribuida por erro a Alcacer-do-Sal nos *Manuscritos* de Moreira. Um facto porém podemos já assentar: é que, quanto á indicação do local, os *Manuscritos* de Moreira estão exactos, pois a inscrição existe effectivamente, como disse, em Alcacer; só por engano foi attribuida a Tras-os-Montes, engano aliás natural.

Antes de discutir o meu texto, convem lembrar que o antiquario hespanhol Cornide encontrou no seculo passado em Alcacer, «junto a la iglesia de la Misericordia», uma inscrição, restituída assim pelo Sr. Hübner no *Corp. Inscript. Latin.*, II, 35:

[N.º 3]

L. CORNELIO. C. F  
 BOCCHO  
 FLAM. PROVINc TR. MIL.  
 COLONIA. SCALABITANA  
 OB. MERITA. IN COLONIAM

que significa: «A Lucio Cornelio Boccho, flamen da Provincia, tribuno militar, filho de Caio, [consagrou este monumento] a colonia Scálabitana (*Santarem*), pelos serviços prestados á colonia».

O Sr. Almeida Carvalho, de Setubal, possui outra inscrição, achada em 1871 em Troia, e assim concebida, segundo a restituição do Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Supplemento*, n.º 5184 (ponho por extense algumas letras que estão partidas):

[N.º 4]

l. cORNELIO. L. F

BOCCHO

flamini. PROVINC

tr. MIL. LEG. III. AVG

o que significa: «A Lucio Cornelio Boccho, filho de Lucio, flamen da Provincia, tribuno militar da legião 3.<sup>a</sup>, chamada Augusta». — O fallecido prof. Augusto Soromenho disse ao Sr. Hübner que em logar do L julgava que podia tambem estar um C; mas eu vi uma photographia, embora um tanto apagada, da pedra, e nella lia-se, não C, mas sim L. Por tanto Soromenho não tinha razão, e o texto dado pelo Sr. Hübner está exacto.

Estas inscripções n.º 3 e n.º 4 faziam certamente parte de pedestaes de estatuas, pois aos flamines provinciaes era costume erigi-las no recinto dos templos de Augusto<sup>1</sup>.

Como as inscripções n.º 3 e n.º 4 combinam bastante entre si nos nomes e nos titulos, excepto no segundo prenome, que no n.º 3 é *Caius*, e no n.º 4 *Lucius*, é possivel que, como já lembra o Sr. Hübner, a inicial do segundo prenome da inscripção n.º 3 seja L, e não C, vindo as duas inscripções a pertencer ao mesmo individuo. Se effectivamente a inscripção n.º 3 está bem, isto é, se lá se lê C e não L, então realizar-se-ha outra hypothese do Sr. Hübner, a saber, que um dos individuos seria filho do outro; mas neste caso a primeira letra da inscripção n.º 4 deve ser C. Só a descoberta da pedra em que vem a inscripção n.º 3 poderia resolver a dúvida. Aos meus amigos e dedicados investigadores das antiguidades de Alcacer, os Srs. P.º Francisco de Mattos Galamba, e Joaquim Correia Baptista, incumbo a tarefa de procurarem a preciosa pedra por lá em alguma parede ou em algum entulho; se a acharem, grande serviço prestam á nossa Archeologia.

<sup>1</sup> Vid. outros exemplos no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, 4188-4260, e no *Supplemento*, 6092-6100; cf. E. Hübner, in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, de Madrid, xxv, 393.

Sobre os flamines vid. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Daremberg & Saglio, s. v. *flamen*.

Passarei agora a discutir o texto da inscripção n.º 1, e incidentalmente o da inscripção n.º 2:

Primeira linha:

A leitura das inscripções n.ºs 3 e 4, que, nos titulos dos cargos, tem tanta analogia com a inscripção n.º 1, leva-me a restituir sem dúvida alguma á primeira palavra da inscripção n.º 1 as lettras BOC, e não PLVTAR, como fez o Sr. Hübner. Temos assim outra vez o cognome BOCCHVS. É possível que antes d'elle estivesse indicado o nome, prenome e filiação, como nas outras.

A segunda e terceira palavra significam *praefectus Caesarum*. Em várias inscripções romanas da Península lê-se *praefectus Caesaris*: vid. o *Supplemento do Corpus Inscriptionum Latinarum*, pag. 1167.

A ultima palavra não offerece dúvida alguma. Quando eu vi a inscripção não achei senão as lettras BI, mas o Sr. P.º Francisco Galamba, tirando depois, a meu pedido, a argamaça que cobria a extremidade da pedra, encontrou a letra S. Temos, pois, o adverbio BIS.

Segunda linha:

Como a primeira letra visivel é um T, deve esta letra pertencer a uma palavra tal como PONT, isto é PONT(*ifex*), como propõe o Sr. Hübner. As restantes palavras não offerecem difficuldade: PER(*petuus*) e FLAMEN PERP(*etuus*).

Terceira linha:

O Sr. Hübner interpretou a primeira letra como T da conjuncção ET. Esta parte da pedra estava enterrada muito fundo, eu tive de mandar fazer uma cova, para chegar á extremidade da pedra, e só pude reconhecer a letra pelo tacto, mas pareceu-me I: isto concorda com a versão que o Sr. Hübner publicou sob o n.º 2479, onde porém se lê II. Eu supponho que I é a ultima letra de um número que indicava quantas vezes Bocchus havia servido um cargo qualquer, que devia vir mencionado antes, como a cima vem um antes de BIS.

A segunda e terceira palavras significam PR(*aefectus*) FABR(*um*). O *praefectus fabrum* correspondia pouco mais ou menos a engenheiro militar; era o chefe dos *fabri* (sapadores, etc.): ver sobre este ponto Krieg, *Précis d'antiquités romaines* (traducção do allemão), Paris 1892, pag. 212; e Robiou, *Les institutions de l'ancienne Rome*, Paris 1888, III, pag. 326.

O Sr. Hübner junta V a FABR, ficando pois FABRV por FABRVm; mas eu notei um ponto adeante de FABR, e por isso

V representa o número de vezes, isto é, *quinquiens*, que Bocchus exerceu o cargo<sup>1</sup>.

O resto da linha não tem nenhuma dificuldade: TR (*ibunus*) MIL (*itum*) D (*e*) S (*ua*) P (*ecunia*) F (*ecit*).

Vem pois a inscrição a ser assim:

..... [Cornelius] [Boc]chus, *pr(aefectus) Caesarum bis*, .....  
[Pon]t(*ifex*)? *perp(etuus), flamen perp(etuus)*, ..... I, *pr(aefectus)*  
*fabr(um) V, tr(ibunus) mil(itum), d(e) s(ua) p(ecunia) f(ecit)*.

Isto é:

«..... Cornelio Boccho, prefeito dos Cesares duas vezes, pontífice (?) perpétuo, flamen perpétuo, ..... tantas vezes (?), prefeito dos *fabri* cinco vezes, tribuno militar, fez [esta obra] com o seu dinheiro».

A inscrição havia sido collocada provavelmente na fachada de algum notavel edificio público, como templo, ou outro. De facto era de uso entre os Romanos pôr muitas vezes, nas fachadas dos edificios, inscrições em que se lia o nome do dedicante, e tambem da pessoa ou deus a quem a obra se dedicava.

Vê-se que o *cursus honorum*, ou serie de funcções civis, religiosas e militares que Cornelio Boccho desempenhou, foi constituido como se segue:

*praefectus Caesarum*;  
*pontifex? perpetuus*;  
*flamen perpetuus*;  
.....?  
*praefectus fabrum*;  
*tribunus militum*.

Tudo isto mostra a importancia de Cornelio Boccho, que nos apparece portanto como uma especie de «*Petrus in cunctis*» em Alcaer-do-Sal, na epocha romana. Encontram-se frequentemente nas inscrições, associados num mesmo individuo, os cargos precedentes, ou alguns d'elles<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> No *Corpus Inscriptionum Latinarum*, X-2, ha exemplos analogos, e um igual.

<sup>2</sup> Vid. *Corpus Inscriptionum Latinarum*, passim.

Quer as inscripções de n.ºs 1, 3 e 4 se refiram á mesma pessoa, quer a várias, vem a proposito lembrar que na litteratura latina ha menção de um Cornelius Bocchus como escritor. Este facto não escapou já á erudição allemã: vid. E. Hübner: nas *Noticias de Portugal*, pag. 27, nota; na *Ephemeris epigraphica*, I, 182; e no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, n.º 35, e *Supplemento*, n.º 5184;

o mesmo A. refere-se a um artigo seu, publicado no jornal de philologia *Hermes*, vol. I, 1866, pag. 397 (artigo que ainda não vi), — e ás notas de Th. Mommsen no prefacio da edição da obra de C. Julio Solino, *Collectanea rerum memorabilium*, Berlim 1864 (edição que tambem ainda não pude ver, mas que espero ver em breve).

Á cêrca de Cornelio Boccho, considerado como escritor, vid. mais estes AA.:

De-Vit, *Onomasticon*, t. II, 1868, pag. 424, s. v. «Cornelius Bocchus».

W. S. Teuffel, *Geschichte der Römischen Literatur*, 3.ª edição, pag. 653-654.

Já antes d'estes AA. havia fallado de Cornelio Boccho o escritor francês Fréret, *Œuvres complètes*, Paris 1796, t. IV, pag. 203, nota, embora o refira ao tempo de Sulla.

A collecção dos trechos que restam d'elle acha-se publicada por Hermann Peter, *Historicorum Romanorum Fragmenta*, Leipzig 1893, p. 297 (e cfr. pag. XXIV).

Plinio, na sua obra *Historia Natural*, cita várias vezes, como auctor cujos escritos elle utilizou, «Cornelius Bocchus», e tambem simplesmente «Bocchus». Com toda a certeza ha aqui referencia a um e o mesmo auctor. Solino, na obra ha pouco referida, falla de um auctor a quem menciona apenas pelo cognome de «Bocchus»; sabendo-se, como se sabe, quanto Solino plagiou a Plinio, tambem não pôde restar dúvida que este Bocchus seja o mesmo de cima. Hermann Peter, na collecção citada, include um passo extrahido de Cassiodoro, escritor do seculo V, da obra intitulada *Variarum*, em que este falla de um «Cornelius», escritor, o qual mui plausivelmente é tambem o nosso «Bocchus», visto que o assumpto d'este texto é analogo ao dos outros textos.

A julgar das escassas citações de Plinio, Solino e Cassiodoro, todas as quaes li e comparei entre si, o nosso auctor tinha escrito obras sobre historia universal e historia natural.

Quanto á patria, nada se sabe ao certo; comtudo, como o nome *Bocchus*, com quanto se encontre fóra da Peninsula<sup>1</sup>, apparece aqui algumas vezes mencionado nas inscripções romanas como nome vulgar de homem<sup>2</sup>; como alguém da familia *Bocchus* viveu na Peninsula, o que, segundo acabo de mostrar, consta da epigraphia; e como finalmente a estada do proprio auctor cá parece tambem deduzir-se de um dos passos das suas obras, em que diz ter visto um *chrysoliton* encontrado nos montes Ammaeenses: não é temerario admittir que elle era da Hispania. Se agora notarmos que as inscripções que a cima transcrevi forão descobertas, duas em Alcacer do Sal, e uma em Troia, que fica perto, nas margens do Sado; que numa d'ellas ha particular referencia á colonia de Scalabis (Santarem), á qual elle, ou alguém da sua familia, prestou serviços; e que nos mingoados fragmentos, que de seus escritos nos restam, allude a Olisipo (Lisboa) e aos montes Ammaeenses (Portalegre), que ficavam na Lusitania: poderemos precisar mais ainda a patria, e suppor que era lusitano, e talvez natural das margens do Sado, onde pelo menos se levantaram estatuas a um *Cornelius Bocchus*, como consta das inscripções, e onde o mesmo, ou outro *Bocchus*, viveu, pois mandou fazer em Alcacer uma obra architectonica de certa importancia.

Se a inscripção n.º 3 ainda apparecesse, e a penultima letra fosse L e não C, então a identificação, quer das tres inscripções entre si, quer do nome, que nellas apparece, com o do auctor antigo, seria certa, ou ao menos tinha a seu favor as maximas probabilidades. Até o momento do feliz achado da inscripção não podemos adeantar mais do que o que acabo de dizer. Se, no caso do reaparecimento da inscripção, houver porém de se manter o C da primeira linha, será impossivel dizer se o auctor *Cornelius Bocchus* é o da inscripção n.º 3 ou o da inscripção n.º 4, pois nem Plinio, nem Solino, nem Cassiodoro mencionam o *praenomen* do nosso auctor, mas sómente o *nomen* e *cognomen*, faltando assim a base da comparação com os respectivos *praenomina* da inscripção n.ºs 3 e 4.

<sup>1</sup> Vid:

De-Vit, *Onomasticon totius latinitatis*, t. 1, p. 732 (*Bocchus*, nome de reis da Mauritania);

Alfredo Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz*, Leipzig 1892, col. 454, s. v. *Boccus*, nome que apparece em inscripções da Aquitania (nome de um deus) e do Hanover (nome de homem), e nas *Notas Tironianas*.

<sup>2</sup> Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, n.ºs 2225 (Cordova), 410 (Visen) e 769 (Coria, — na Lusitania).

Em todo o caso apuramos que houve na antiguidade romana um escritor que, por várias razões, podemos crer que era da Lusitania, e talvez das margens do Sado: facto realmente importante para nós, porque, ao passo que a vizinha Hespanha conta, entre os seus filhos, tantos antigos escritores latinos illustres, como Marcial, Quintiliano, os dois Senecas, Lucano, Pomponio Mela, o nosso país não conhecia nenhum entre os seus.

Cornelio Boccho, a, como julgo, ter tido por patria a nossa Lusitania, seria por ora o unico escritor latino pagão conhecido como de cá.

Por occasião da minha ida a Alcaccer, lembrei a algumas pessoas da terra a oportunidade de darem o nome de *Cornelio Boccho* a uma rua ou praça. Se Evora se ufana do nome de Sertorio, e Viseu do nome de Viriato, quando é certo que nenhum documento historico temos que atteste a estada de Viriato em Viseu, nem a de Sertorio em Evora, sendo, com relação ás duas cidades, as façanhas d'aquelles antigos heroes

Phantasticas, fingidas, mentirosas,

não deve causar admiração ou estranheza que Alcaccer-do-Sal faça reviver o nome de *Bocchus*, que pertencia a um varão illustre da antiguidade, e se lê em dois marmores desenterrados naquella villa, e em um desenterrado perto.

Ainda que no estudo que acabo de fazer não pude, por falta de elementos, resolver todas as questões que propus, ahi deixo no emtanto algumas informações novas que hão-de concorrer, me parece, para o definitivo esclarecimento de tão curioso ponto da nossa archeologia.

#### 6. Inscripção romana inedita

Dizendo-se-me que na parede do Caes da Praça, no lado que deita para o rio, havia outra inscripção, dirigi-me lá, e, depois de ter entrado num barco, para me poder aproximar da parede, copiei a seguinte inscripção, que estava gravada num marmore:

.....  
 .....NDVM M<sub>1</sub> RII  
 IN REMF  
 T PLEBEM·SVAM  
 D D

Primeira linha:

A primeira palavra está incompleta; parece-me dever ser *memorandum* ou outra analoga; a segunda palavra é MERIT(um). — A phrase completa seria: [ob memora]NDVM MERIT(um).

Segunda linha:

Não tem dificuldade: IN REMP(ublicam).

Terceira linha:

A primeira palavra deve ser [e]T. O resto não tem dificuldade.

Quarta linha:

É a conhecida fórmula: D(ecreto) D(ecurionum).

Falta já o principio da inscripção. — O sentido d'ella será:

.... [a F.] .... pelo notavel(?) serviço prestado por elle ao Estado e ao seu povo (foi erecto este monumento) por decreto dos decuriones.

Noutra inscripção de Alcacer, a que logo me referirei, lê-se uma fórmula que deve comparar-se com a de cima: OB MERITA . . . . PLEPS embora aqui esteja PLEPS, que é simples variante phonetica de PLEBS. A fórmula OB MERITA é muito vulgar: vid. os volumes do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, passim (por ex., vol. II, pag. 1164-1165). A inscripção n.º 5, de Alcacer, em lugar do plural, tem o singular: todavia em Tito Livio, *Ab urbe condita*, XXI, XXXI, encontrei a phrase «ob id meritum», com a palavra *meritum* tambem no singular; e podiam citar-se outros exemplos litterarios.

Esta inscripção até hoje estava ainda inedita, segundo penso.

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 34, dá-se como existente dentro do castello, numa parede externa da igreja matriz, outra inscripção; de facto existe ainda lá, e vem bem copiada no *Corpus*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> A inscripção é:

L·PORCIO·L·F  
GAL·HIMERO  
IIVR·PRAEF·PRO  
IIVIR·FLAMINI  
DIVORVM·BIS  
OB·MERITA  
PLEPS·AERE·CONLATO  
HVIVS·TITVLI·HONORE  
CONTENTVS·IMPESAM  
REMISIT

Vê-se que a Lucio Porcio Himero, da tribu Galeria, o povo levantára uma estátua, por subscripção (*aere conlato*), e que aquelle, satisfeito com a honra desta

## 7. Necropole pre-romana

Junto da igreja do Senhor dos Martyres ha um campo pertencente ao Sr. Antonio Faria Gentil, onde em tempo appareceram muitas antigualhas, como urnas, lucernas, armas, objectos de marfim, e ainda outras cousas, muitas das quaes foram adquiridas em 1876 pela Academia de Bellas-Artes de Lisboa.

Estacio da Veiga deixou entre os seus papeis duas listas d'estas antigualhas, uma d'ellas extrahida da escritura da venda, outra, organizada, ao que parece, á vista dos objectos: como as duas listas não concordam exactamente, abstenho-me de as publicar, antes de fazer a comparação d'ellas com os proprios objectos que existem na Academia de Bellas-Artes<sup>1</sup>.

Nem tudo o que appareceu nos arredores do Senhor dos Martyres está na Academia de Bellas-Artes. O Sr. Faria Gentil possui um ou mais objectos de lá. No Museu de Alcacer estão tambem objectos da mesma procedencia, e ha ainda outros dispersos por mais partes<sup>2</sup>.

\*

Entre os objectos descobertos no referido campo não são dos menos notaveis umas armas de ferro, de fórmias variadas, que pertencem a typos que se relacionam com os dos primeiros tempos da idade do ferro: ellas foram estudadas por Cartailhac<sup>3</sup> e por Estacio da Veiga<sup>4</sup>.

No Museu de Alcacer está uma, que aqui represento em ponto pequeno (fig. 1), comparavel á que Estacio da Veiga dá nas *Antig. do Alg.*, IV, est. xxxiii, n.º 4, e á que Cartailhac dá nos *Ages pré-historiques*, pag. 246, fig. 360; a lamina está torcida, o que póde explicar-se por um antigo rito funerario, segundo o qual os objectos

inscripção (*hujus tituli honore contentus*), pagou a despesa (*impesam remisit*. Aqui está *impesam* por *impensam*, fóрма da linguagem vulgar, como *cosul* por *consul*). *Aere conlato, honore contentus* e *impesam remisit* são fórmulas frequentes nas inscripções: vid. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 228-229.

<sup>1</sup> Cfr. tambem Estacio da Veiga, *Antiquidades monumentaes do Algarve*, IV, 266 sqq.

<sup>2</sup> Cfr. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 252 e 253, onde diz que ha objectos de Alcacer em Evora, e no Museu do Carmo, de Lisboa.

<sup>3</sup> *Ob. cit.*, pag. 251 sqq.

<sup>4</sup> *Antig. monum. do Alg.*, IV, 266 sqq.

eram muitas vezes collocados nas sepulturas, depois de deformados ou quebrados.

O campo a que me estou referindo era na verdade uma necropole ou cemiterio pre-romano; embora hoje já nada se possa reconhecer á simples inspecção.

Infelizmente as excavações foram feitas com pouco cuidado, de modo que é difficil agora relacionar os objectos entre si.

Alem das armas, appareceram na necropole muitos outros objectos, e moedas de diversas nacionalidades, — gregas, ibericas, e romanas<sup>1</sup>. Este facto e o apparecimento de outros objectos de origem romana mostram que differentes civilizações se succederam alli. Como será importante proceder a novas, mas methodicas, excavações! Quantas joias archeologicas não estarão ainda escondidas debaixo das raizes das arvores, á espera que a mão carinhosa de um romeiro da sciencia as vá desencantar!



Fig. 1

\*

No Gabinete archeologico da Bibliotheca Nacional de Lisboa ha seis grosseiras figuras de bronze priapicas, as quaes, segundo uma indicação que encontrei na Bibliotheca, provieram de Alcaer. Figuras do mesmo typo existem no Museu de Evora. A umas e outras se referem os seguintes auctores:

E. Hübner, *Die antiken Bildwerke in Madrid, nebst einem Anhang*, Berlin 1862, pag. 334;

Filippe Simões, *Introducção á archeologia da Peninsula Iberica*, Lisboa 1878, pag. 123-124;

E. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris 1866, pag. 300;

Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, Lisboa 1891, vol. iv, pag. 217<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Cartailhac, *ob. cit.*, pag. 252. O Sr. Cartailhac viu as moedas gregas?

<sup>2</sup> Este último A., fallando das figuras da Bibliotheca Nacional de Lisboa, diz no texto que consta que ellas appareceram em Troia (Setubal), e na estampa respectiva dá-as, com um ponto de interrogação, como de Alcaer do Sal. Equivocou-se pois. — O que consta é que ellas appareceram em Alcaer; fui eu mesmo quem lhe deu esta informação, que elle só pôde utilizar na estampa.

No Museu Archeologico de Madrid vi uma figura analogia; não tinha indicação de procedencia, mas com certeza foi levada de Portugal para lá. Ultimamente, o meu amigo o Sr. Joaquim Correia Baptista participa-me ter sido adquirida para o Museu uma figura do mesmo typo, achada no sitio denominado «Horta de Cima», nos arredores da villa.

É natural que mesmo aquellas, cuja procedencia se ignora, tenham sido tambem encontradas em Alcacer, attenta a quasi identidade de todas.

Taes figuras parece serem idolos, pelo facto de apresentarem a mesma attitude. Podem comparar-se com outras estrangeiras, que se conhecem. Com relação á data, apenas direi que ellas se referirão a cultos pre-romanos.

Seria importante saber se as haveria na mesma necropole de d'onde provieram as armas.

### 8. Museu Municipal

O objecto principal da minha visita a Alcacer foi o Museu Archeologico Municipal, a que já me referi n-*O Archeologo Português*, pag. 46. Apesar de estar em principio, promette progredir a olhos vistos, graças á dedicação de pessoas devotadas ao estudo da archeologia, como são o Rev. Francisco de Matta Galamba, e o Sr. Joaquim Correia Baptista, principaes fautores d'elle. A Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal, cujo Presidente é o Sr. José Serra Lince, merece os maiores elogios por mais este melhoramento com que dotou a villa.

O Museu foi installado nos proprios paços do concelho, que ficam num sitio alegre e bem illuminado, com vistas para a Praça de Pedro Nunes, e para o rio Sado, que banha os alicercês do edificio.

Os objectos de que consta podem classificar-se, quanto ás epochas, assim: prehistoricos, protohistoricos, romanos, arabes e portugueses.

\*

Os objectos prehistoricos consistem em instrumentos do periodo da pedra polida, como machados e martellos, uns encontrados avulsamente pelo concelho, outros provenientes do castro dos Castellejos, de que adeante fallarei.

Logo que neste castro se façam as explorações projectadas, é provavel que o Museu seja enriquecido no que se refere a objectos-de industria neolithica, isto é, do periodo da pedra polida.

\* \*

Alem da espada e do idolo de que ha pouco dei noticia, o Museu possui, na secção dos objectos protohistoricos, uma bella *armilla* de ouro, achada nas abas do mencionado castro dos Castellejos, *armilla* de typo semelhante ao de outras que se conhecem no nosso pais.

Protohistoricas se podem ainda considerar umas curiosas moedas de cobre que estavam no Museu, e a que devo consagrar algumas linhas. Eis os desenhos d'ellas nas fig. 2, 3 e 4, em tamanho natural.

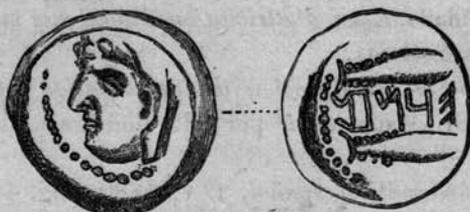


Fig. 2



Fig. 3

A moeda da fig. 2 tem no anverso a cabeça de Hércules voltada para a esquerda, com a pelle do leão, e a maça atrás da nuca; vê-se parte ainda do circuito granulado. No  $\Sigma$  vêem-se os corpos de dois atuns, com uma inscripção entre elles, formando sigla as duas letras da esquerda; na orla, parte do circuito granulado. Em nenhuma das páginas da moeda ha legenda latina, nem falta. Esta moeda offerece uma particularidade: ao cunharem-na, o cunho escapou, e não ficou acabado o lado direito da moeda, como se pôde verificar comparando o reverso d'esta com o da seguinte.

Na moeda da fig. 3 não só no anverso ha uma legenda latina, ODACIS·A, mas na inscripção do reverso as duas letras da esquerda estão separadas, e antes da letra da direita ha um crescente com um ponto ou globulo dentro.

A moeda, cujo reverso represento na fig. 4, está bastante gasta; o seu anverso é como na fig. 2; do reverso só se percebe o crescente (já sem ponto), uma letra e as extremidades de dois golfinhos, que estavam voltados para a esquerda.

Estas moedas não são novidade na sciencia; pertencem a typos conhecidos, e já estudados. A seu respeito podem ver-se, entre outras, as seguintes obras:



Fig. 4

*Revue Numismatique*, 1836, pag. 369 sqq. (artigo de Zobel de Zangrónis, intitulado *Essai d'attribution de quelques monnaies ibériennes à la ville de Salacia*);

*Nuevo método de clasificación de las medallas autónomas de España*, t. II, 1873 (appendice por M. Rodriguez de Berlanga, a pag. 371 sqq.);

*Memorial numismático español*, t. v, 1880, pag. 187 sqq. (artigo de Zobel de Zangrónis, intitulado *Distrito Salaciense*);

*La arqueología de España*, pelo Dr. E. Hübner, Barcelona 1888, § 132;

*Monumenta linguae Ibericae*, pelo mesmo, Berlim 1893, pag. 136.

Da discussão a que procederam os citados eruditos, e principalmente Zobel Zangrónis, que (na *Revue Numismatique*) foi quem primeiro aclarou o problema, resulta que estas e as demais moedas de typos analogos pertencem a SALACIA, cidade lusitana, cuja séde é costume pôr em Alcacer-do-Sal.

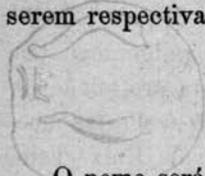
Zobel chegou a tal resultado pela comparação das citadas moedas com uma de typo semelhante, em cujo reverso se vê entre dois golfinhos, na mesma posição que nas outras, uma inscripção latina que diz IMP · SAL, isto é, *Imperatoria Salacia*, pois Plinio refere<sup>1</sup> que o municipio de Salacia se denominava *Urbs Imperatoria*<sup>2</sup>.

As legendas latinas representam muito provavelmente nomes de magistrados; a inscripção em caracteres indigenas, 𐤆𐤐𐤕𐤕𐤆, que se lê da direita para a esquerda, como é costume na escriptura semitica, e ainda noutras escripturas (antigas), conterà o nome indigena da ci-

<sup>1</sup> *Naturalis Historia*, IV, 116.

<sup>2</sup> A cêrca da origem d'esta denominação vid. uma hypothese enunciada por Ursin, *De Lusitania provincia Romana*, Helsingiae 1884, pag. 77-78. Segundo elle, a denominação de *Imperatoria* seria dada á cidade por Sexto Pompeu, que se intitulava *imperator*; mas esta hypothese deve ainda ser discutida.

dade. Estes caracteres, vindo da direita para a esquerda, parece serem respectivamente E, V, I, O, M, isto é:



∩ □ ∨ 4 3  
M O I V E

O nome será, pois, EVIOM.

No tempo dos Romanos os nomes antigos das povoações experimentaram muitas vezes modificação: ora foram traduzidos; ora adicionados de nomes latinos, como títulos, como synonymos, ou ainda como elementos de composição morphologica; ora substituídos. Aqui dou alguns exemplos. Na lingua celtica, que foi fallada tambem na Peninsula, a palavra *briga*, que entra na composição de muitos nomes de terras lusitanicas, significava *altura fortificada*<sup>1</sup>; esta palavra creio que foi substituída entre nós principalmente pela latina *castrum*, que deu em portuguez *castro*, um dos nomes das antigas alturas fortificadas<sup>2</sup>. Á palavra *Bracara*, de origem lusitana, accrescentou-se *Augusta*, d'onde *Bracara Augusta*, e mesmo *Bracaraugusta*, de que até se formou o nome patrio *Bracaraugustanus*; no emtanto, na pronúncia popular, prevaleceu *Bracara*, como o mostra a actual fórma *Braga*, que provém d'aquella, através de *Bragaa* e *\*Bragala*. A cidade de *Ebora* teve tambem o titulo de *Liberalitas Julia*, que se lê nas próprias moedas cunhadas pelos seus magistrados. A palavra *SALACIA* é, segundo muitas probabilidades, igualmente latina<sup>3</sup>, e substituiu o nome indigena da povoação, conservado na inscripção que acabo de citar, nome que se suppõe ser EVIOM.

As razões, propriamente numismaticas, invocadas por Zobel de Zangrónis, para attribuir as referidas moedas a Salacia, accrescenta elle, in *Revue numismatique*, 1863, pag. 380, mais esta: que taes moedas «ne se trouvent qu'en Portugal ou dans les provinces d'Espagne qui continent à la partie méridionale de ce royaume». Pela minha parte, posso reforçar a última razão, pois em Alcacer-do-Sal vi quatro moedas *achadas todas lá*; sei de outra, encontrada ao pé de Lagos; o Sr. Dr. F. Ignacio Mira, de Beja, tem na sua collecção uma, achada no Sul; o Sr. Dr. D. José de la Féria y Ramos, de Serpa, tem na sua collecção quatro, sendo uma achada no Algarve, e tres em Serpa;

<sup>1</sup> Vid. *O Archeol. Portug.*, pag. 62.

<sup>2</sup> Vid. *O Archeol. Portug.*, pag. 3.

<sup>3</sup> *Salacia* se chamava uma deusa do mar, esposa de Neptuno: vid. Preller, *Römische Mythologie*, II, 121 e nota.

na Bibliotheca Nacional ha tres, sendo uma achada perto de Beringel (Alemtejo), mas ignorando-se o *unde* das outras; no Museu Real ha duas<sup>1</sup>, provavelmente tambem encontradas cá; um amigo meu tem outra, que adquiriu em Lisboa, não sabendo porém a procedencia<sup>2</sup>. Em summa: temos em Portugal conhecidas mais *dezaseis* d'estas moedas, sendo *onze* positivamente descobertas na região de Entre-Tejo-e-Odiana, e havendo probabilidades de que as mais tambem o fossem<sup>3</sup>.

Lembrarei, a propósito, que em Alcacer do Sal vi uma moeda de IMP · S A L, igualmente achada lá.

Sem ser meu intuito discutir se Salacia foi realmente no local onde hoje está Alcacer-do-Sal, noto porém que o descobrimento das referidas cinco moedas de Salacia, quatro indigenas, e uma luso-romana, apoia essa crença, ou pelo menos que a séde da velha cidade foi nas margens do Sado.

O nome do rio vem, quanto a mim, do lat. *salatus*, através das fórmias \**Salado* e \**Saado*, ambas de accôrdo com as leis da lingua portuguesa. É natural que os antigos estabelecessem já relação phonetica entre *Salacia*, de *salum*, e *salatus*, de *sal*. Comtudo, como o Sado é extenso, não se póde inferir só d'isto que Alcacer occupe precisamente o local de Salacia.

\*

Alem da moeda de IMP · S A L, de que acabo de fallar, possui o Museu várias outras da epocha romana, principalmente imperiaes, de prata e de cobre.

Da mesma epocha tem tambem os seguintes objectos:

— um fragmento de estela de marmore, de 0<sup>m</sup>,08 de altura maxima, e 0<sup>m</sup>,09 de largura maxima, com vestigios de friso nas duas faces, e estas letras:

A.....
AN.....
I,.....

<sup>1</sup> Teixeira de Aragão, *Description des monnaies, médailles, etc.* Paris 1867, pag. 11.

<sup>2</sup> Peço aos leitores, que tiverem conhecimento de outros exemplares, o obsequio de me informarem, dizendo-me, podendo ser, onde elles foram achados, e mandando-me desenhos, ou calcos.

<sup>3</sup> Crawford, no seu livro *Portugal, Old and New*, London 1882, pag. 268, diz que se encontrou nas ruinas de Troia (em frente de Setubal) uma moeda *phenicia*, tendo no anverso uma cabeça barbara, e no reverso dois golfinhos. Será realmente *phenicia*, ou do typo das de Salacia?

provavelmente restos de alguma inscrição funeraria (na segunda linha AN[Norum]?)

— muitos fragmentos do chamado «barro saguntino», alguns com marcas figulinas, pór exemplo . . . . VRTI, que se lê na parte interna de um fundo de vaso (vid. fig. 5);

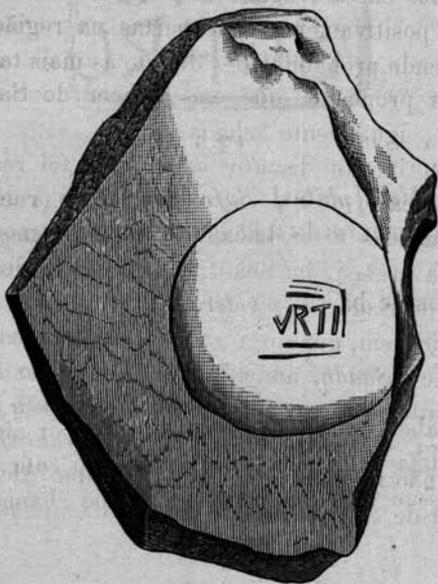


Fig. 5

— uma bella urna cineraria, tambem de «barro saguntino», com desenhos no bojo, e ainda provida de tampa ou operculo, lendo-se no bojo CORVEL (= *Cornelius*) e PRIMUS, e no operculo:

SEX  
ANNI

i. é., *Sex(ti) Anni* ou *Anni(i)*, genetivo de *Sextus Annus*, representando, pelo menos a segunda inscrição, um nome de artista, pois noutros vasos da Península se lê tambem SEX ANNI<sup>1</sup> (esta urna continha ainda cinzas e fragmentos de ossos, e foi achada no Rocio dos Frades, em Alcacer);

<sup>1</sup> Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, pag. 667, n.º 26; de AN, ANN, ANNI, ANNIVS, ha varios exemplos, *ib.*, n.º 21 a 25.

*L. Cornelius Primus* e *P. Cornelius Primus* vem mencionados *ibidem*, sob os n.º 2286 e 1564.

— um tijolo grosso, achado no «olival do Gentil», e tendo esta marca figulina (vid. fig. 6):



Fig. 6

que deve ler-se *Meno[philus] Sofro* ou *Sofron* (vocabulos gregos)<sup>1</sup>;

— muitos fragmentos de telhas de rebôrdo (*tegulae*) e de amphoras;

— varios pesos de barro (*pondera*).

\*

A epocha arabe está apenas representada por alguns fragmentos de louça, e por uma pedra com uma inscriçãõ cufica.

O Museu possui tambem azulejos do typo chamado vulgarmente «hispano-arabe».

\*

Da epocha portuguesa possui o Museu exemplares de ceramica, e moedas. Das moedas a que mais me chamou a attenção foi uma meia-barbuda (de bolhão) que represento na fig. 7, e que, como julgo, constitue uma variedade inedita de algum merecimento:



Fig. 7

Anverso: FER-N[AN]-DUS-REX : Cruz cortando a legenda, cantonada por quatro letras, O, T, R, P, isto é, PORT(O)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Vid. exemplos de *Menophilus* no *Corp. Insc. Lat.*, vol. II, pag. 675, e de *Sophro* (*Sophon*), *ibidem*, n.º 1297 e 1651.

<sup>2</sup> No reverso de outra moeda de D. Fernando, estampada pelo Sr. Teixeira de Aragão sob o n.º 13, lê-se tambem PORT(O).

Reverso: ✠SI DOMINVS : MI[CH]I A JV : Celada ou *barbuda*, voltada para a esquerda, com corôa em cima, e em baixo as quinas (ofr. no n.º 19, est. v, do livro do Sr. Teixeira d'Aragão<sup>1</sup>); á direita P (mas á esquerda não tem estrellas, como no exemplar descrito pelo Sr. Aragão, ou, se a tinha, desappareceu quando fizeram o furo que a moeda hoje apresenta).

A novidade está na disposição do anverso, e sobretudo na existencia das quatro letras que cantonam a cruz.

Esta moeda, apesar de eu a ter examinado rapidamente (de noite), pareceu-me *authentica*.

\*

Na occasião em que visitei o Museu, este não tinha ainda accommodações regulares, por falta de mobilia, que estava encommendada; actualmente, porém, como me informam, os objectos acham-se já installados em mostradores.

A maioria dos objectos de que acabo de fallar foi depositada pelo Sr. Correia Baptista.

Depois da minha visita, muitos outros objectos tem entrado para o Museu; o Sr. P.º Francisco de Mattos Galamba ali depositou tambem a sua interessante collecção numismática.

### 9. Votos e ex-votos

Toda a gente sabe que, aqui em Lisboa, é costume collocar no altar de Santo Antonio, na igreja da sua invocação, junto á Sé, bilhetinhos em que se fazem ao santo varios pedidos, sobretudo de casamento. Na igreja do Senhor dos Martyres, em Alcacer, encontrei o mesmo costume; e sei de outros analogos que existem pelo país.

Os *requerimentos* d'esta especie, que tenho observado, reduzem-se a varias classes:

- 1.ª Requerimentos propriamente ditos, em que se formula por extenso o que se deseja;
- 2.ª Requerimentos escritos em abreviatura;
- 3.ª Requerimentos em cifra;
- 4.ª Requerimentos cuja escrita consiste apenas em riscos, feitos irregularmente;

<sup>1</sup> *Descripção geral e historica das moedas*, vol. I.

5.<sup>a</sup> Requerimentos feitos de qualquer papel em que ha casualmente *lettras*;

6.<sup>a</sup> Requerimentos que constam apenas de papel completamente em branco.

O exame d'esta serie é curioso, porque nos mostra que o requerimento vae successivamente passando á classe de mero symbolo. A classe 1.<sup>a</sup> é a mais natural: o pretendente expõe claramente ao santo ou á Divindade a sua pretensão. Nos requerimentos das classes 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> o pretendente expõe o seu pensamento, de maneira que as pessoas estranhas o não possam comprehender. Nos das classes 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> ha já symbolismo, porque o povo contentou-se com o facto de o papel conter *lettras* ou *traços*. Os da 6.<sup>a</sup> classe estão reduzidos á expressão mais simples possível: um papel! O povo entende neste caso que o *papel* é synonymo de *requerimento*.

Os requerimentos estão quasi sempre dobrados de certo modo especial e caracteristico.

\*

Quando se faz um pedido a um santo, á Virgem, a um anjo, ou a Deus, acompanha-se muitas vezes da promessa de um objecto material, que depois se colloca no altar ou junto d'elle.

Na igreja do Senhor dos Martyres, como noutros muitos sanctuarios célebres, ha mesmo uma *casa dos milagres*, onde estão collocados paineis, figuras de cêra, barcos em miniatura, etc. Nos paineis, que o povo em muitas partes chama *retabulos*, figura-se a natureza do milagre: o doente no leito do soffrimento, com a familia em volta a orar, de joelhos, deante da imagem sagrada, que não raro se vê surgir no ar, entre nuvens, num resplendor; o artista, malicioso e ironico, quasi nunca deixa de figurar tambem o médico, ora a tomar o pulso ao doente, ora a sahir a porta do quarto, como que convencido de que o enfermo morrerá,—o que realça o milagre. Os objectos de cêra representam membros do corpo ou animaes. Os barcos lembram algum perigo sobre as aguas.

\*

Tanto o uso dos requerimentos como o das promessas são pre-christãos; remontam pelo menos ao paganismo romano.

Os requerimentos chamavam-se em latim *vota* (votos); e *facere votum* correspondia a «fazer um requerimento». Estes *votos* escreviam-se em tabulas, denominadas *tabellae*, ou em folhas. Suspen-

diam-se, como hoje, nos templos, ou pegavam-se com cêra nas estatuas dos deuses, — d'onde o dizer Juvenal, *Satiras*, x, 55:

Propter quae fas est genua incerare Deorum.

Quando o deus, a quem se dirigia o pedido, attendia o devoto, este, em reconhecimento, e segundo o prometido, *ex voto*, collocava no templo uma ara, um cippo, um painel, a figura de um animal, etc. Estes objectos chamavam-se *donaria*, *tabulae votivae*, etc., conforme os casos. Como muitas vezes se gravava nelles uma inscripção em que se lia esta fórmula — *ex voto*, é costume hoje chamar *ex-votos* aos objectos da mesma natureza, que os christãos depositam nas igrejas. O cippo de que publiquei desenho a pag. 44-45 d-*O Archeologo*, e que estava no templo do nosso velho deus Endovellico, dá ideia dos *donaria* dos Romanos.

#### 10. Os Castellejos

Pondo em prática o princípio que enunciei a pag. 5 d-*O Archeologo*, tratei, logo que cheguei a Alcacer, de perguntar se por ali perto haveria algum outeiro denominado *Crasto*, *Castellino*, etc. Effectivamente soube que havia a certa distancia da villa uns altos com os nomes de *Castellejos* e *Castellino*, nomes e altos que já eram conhecidos do Sr. Correia Baptista.

Este meu amigo é o digno Presidente da Camara o Sr. Serra Lince tiveram a bondade de me facilitar uma excursão a esses sitios. No dia 9, de manhã, nós tres e o Sr. Maximiano Apollinario mettemo-nos pois a caminho, em *carro alemtejano*, que é o meio mais vulgar, ainda que nem sempre commodo, de viajar no Alemtejo, mas que, pelo menos para mim, tinha tal ou qual encanto ethnographico, por ser caracteristico do Sul do Tejo.

Pelos nomes e pelas informações que havia obtido, eu ia fiado que os *Castellejos* e o *Castellino* eram castros lusitanos; e de facto não me enganei, como vamos vêr.

O ceu estava forrado de nuvens. A manhã um pouco tristonha e velada, embora serena; de vez em quando cahiam borrifos de chuva. Este aspecto soturno da natureza casava-se bem com quem ia disposto a penetrar durante uns momentos nas sombras de um *oppidum* da velha Lusitania...

Primeiro seguimos pelas margens do Sado, entre campos e quintas; depois embrenhámo-nos no sertão, quero dizer, na *charneca*, e

em breve tempo, após a passagem de alguns barrancos e ribeiros, chegámos ás abas dos *Castellejos*. Alli saltámos todos do carro, e começámos a pé a ascensão da montanha, ou para melhor me exprimir, a conquista do castro!

Os *Castellejos* são uma serie de outeiros, um com o nome de *Castellinho*, outros anonymos. A um d'estes chamarei outeiro *A*, pois tenho de fallar d'elle em especial.

Nos *Castellejos*, por prevenção do Sr. Serra Lince, esperava-nos um camponês d'ali, para ser nosso guia.

O alto do outeiro *A* é constituido por um monticulo artificial, muito antigo. Ao fundo do outeiro correm duas ribeiras, uma de cada lado; o Remôrinho<sup>1</sup>, e a Ribeira-Grande, tambem denominada de *Santa Catherina*, por passar numa freguesia d'este nome; para as ribeiras desce-se por altas ladeiras, que offerecem ao outeiro boa defensão natural. Vão agora os leitores recordando a descripção geral que a pag. 3 d-*O Archeologo Português* fiz dos castros: já temos um atêrro artificial, e, nas baixas, cursos de agua. Segundo as indicações do camponês, havia no alto do outeiro *A* vestigios de casas, que elle destruiu. Por lá via-se ainda effectivamente muito pedregulho. Com o pedregulho encontrámos, tanto no alto, como na encosta, muitos fragmentos de objectos de barro: de telhas romanas (*imbrices* e *tegulae*) e de vasos grossos (por exemplo, asas de amphoras, e outros cacos).

O *Castellinho* é outro outeiro, que se liga insensivelmente (ao Sul) com o outeiro *A*, por um *galaio* ou cêrro. Ergue-se tambem sobre as mesmas duas ribeiras. O alto ou corôa é igualmente artificial, vendo-se bem em alguns pontos os entulhos que formam o monticulo. Do lado do Sul ha ainda restos de um lancinho de muralha, de uns 6 metros de comprido, que limita a corôa, ficando-lhe para a parte de baixo uma ladeira alta e ingreme. Este lancinho de muralha continuava para Oeste; estão lá ainda as ruinas. A Éste havia outra muralha, segundo me informou o camponês. Por todo o *Castellinho* disse o homem que appareceram *tijolos grossos* (provavelmente fragmentos de *tegulae*), e mais disse que ao pé appareceu escumalha, — o que realmente succede com frequencia nos castros. Nós não encontrámos lá nada, senão muito poucos cacos, e algumas pedras arredondadas, que parece seriam martellos, e costumam encontrar-se nas estações pre-historicas.

<sup>1</sup> Isto é, *Rio-Mourinho*.

Conclue-se do que deixo dito que o *Castellino* e o outeiro *A* pegavam, muralhados. Constituíam pois um grande castro ou *oppidum*. O *Castellino*, que fórma propriamente uma corôa, como o Bico-da-Vela, no *Castello* de Pragança, e o Picoto-do-Bicho, no *Castello Velho* de Rocha-Forte<sup>1</sup>, seria acaso uma *arx* ou cidadella; pois que ahi quasi não encontrámos ceramica, nem nos constou que houvesse casas, ao passo que no outeiro *A* havia restos de uma e outra cousa, é provavel que a povoação fosse neste outeiro *A*. Na *arx*, ou *Castellino*, não ha escarpas como no Bico-da-Vela do *Castello* de Pragança.

A denominação de *Castellejos* estende-se a outros cerros vizinhos; mas não pude ir a mais nenhum. Esta palavra, que é deminutiva, e está no plural, quadra perfeitamente a uma serie de cabeços fortificados, dos quaes pelo menos ha dois bem distinctos, o *Castellino* e o castro *A*.

Na nossa retirada encontrámos varias pedras arredondadas, como a que citei a cima, isto é, martellos prehistoricos; um rebôlo polido, que podia ter sido pedra de moinho de mão<sup>2</sup>; e várias pedras chatas (de granito), polidas só de um lado, as quaes deveriam tambem ser em tempo antigo instrumentos de trabalho. Tudo isto ao pé do castro *A*. Os taes martellos de pedra são analogos aos do *Castello* (castro pre-romano) de Pragança.

Foi nas faldas dos *Castellejos*, junto do Rio Mourinho, que appareceu a armilla de que fallo a cima, pag. 81. Ouvi que appareceu outra igual, mas não a vi, nem nenhum dos meus amigos de Alcacer a viu tambem.

O camponês, nosso *cicerone*, asseverou que ao Sul dos *Castellinhos* se descobriu um sepultura de pedra, *quadrijada* (i. é, «de quatro lados»), dentro da qual estava uma «terrina», que foi offerecida ao Sr. Teixeira de Aragão, e um anel de oiro, que foi offerecida ao Sr. Morgado Mousinho, de Monte-Mór-o-Novo. Se isto é verdade, a sepultura era antiga, e talvez pertencente a algum morador do castro.

Em resumo: os *Castellejos* são um castro complexo, ou, mais propriamente, a reunião de dois castros, de que um representará a povoação, e o outro a *arx*. Revelam-se ahi vestigios de duas civilizações: *pre-romana*, — martellos de pedra, armilla de oiro; e *romana*, — tegulas, imbrices, fragmentos de vasilhas.

<sup>1</sup> Sobre este vid. *O Arch. Portug.*, pag. 49. Á cêrca de Pragança, cfr. *ibid.*, pag. 5-6.

<sup>2</sup> Na Beira usam-se estes moinhos ainda hoje.

O nosso passeio não foi pois infructifero. Oxalá que as excavações projectadas ponham a descoberto nos Castellejos outros elementos de estudo.

E aqui dou por terminada a descrição da viagem a Alcacer-do-Sal: dois dias e meio, cheios, sim, de fadiga, mas aproveitados. Regressei a Lisboa, em 10 de Dezembro, com o Sr. Maximiano Apollinario.

Não concluirei como as notícias dos bailes, dadas pelos jornaes, dizendo que trouxe de Alcacer gratas recordações: confessar isso, depois do que deixo escrito, seria realmente superfluo!

J. L. DE V.

### Curso de archeologia



A proposito da noticia dada no numero 1.º d-*O Archeologo*, relativamente ao estudo da archeologia nos seminarios, devo ministrar aos leitores os seguintes esclarecimentos:

Desde que, em 1881, vim dirigir este Seminario, e reger a cadeira de «Theologia fundamental», tomei a peito o *argumento archeologico* no estudo d'esta sciencia. Dei largo desenvolvimento ao estudo da *Prehistoria*, enriquecendo, como podia, esta ordem de noções paloethnologicas com umas luzes de Anthropologia; não ficando nenhuns dos meus alumnos sem saber o que são pontos craniometricos, respectivos diametros e medidas, etc.

Posteriormente introduzi, como additamento á cadeira de Mathematica, tambem de minha regencia, umas noções de *Architectura classica das cinco ordens*, e uns rudimentos de *Archeologia historica*, sacra e profana.

É isto o que ainda actualmente se faz; de sorte que, se não temos no Seminario uma cadeira especial, para estes interessantes estudos, nem por isso elles deixam de se fazer, e a preceito.

Mais accresce que uso tomar como meu ajudante no Museu Municipal a meu cargo, um ou outro seminarista: e todos elles conhecem o que as cousas valem, pois lhes são explicadas, antes de ellas se recolherem naquelle archivo.

Incidentemente accrescentarei que tambem me tenho prestado, ha já uns bons annos, a instruir no grego e no hebraico os meus alumnos